

**Universidade de São Paulo**  
**Escola superior de agricultura “Luiz de Queiroz”**  
**Departamento de Ciências Florestais**

**Disciplina:** LCF0679 - Políticas Públicas, Legislação e Educação Florestal

**Graduanda:** Bruna Hornink

**DIÁRIO DE BORDO**

**2º AULA**

No dia 11 de agosto de 2016, iniciou-se meu primeiro dia na disciplina de Políticas, Legislação e Educação Ambiental. As aulas começaram na semana anterior, no dia 04 de agosto, no entanto não pude comparecer, sendo deixado a mim somente um cronograma - absurdamente grande e detalhado - repassado pelo docente, dias antes. Os primeiros questionamentos iniciaram nesse momento, pois conversando com os colegas que compareceram a aula passada, poucos tinham o que dizer. Aparentemente a mensagem preliminar, objetivada pelo professor, não foi transmitida com sucesso. Porém todos sabiam que na aula de hoje, seria necessário à entrega de uma auto descrição, uma prova sobre os conhecimentos gerais sobre a disciplina e a produção de um texto sobre “Utopia e conjuntura”. Seguindo o pedido, deste modo, fiz aquilo solicitado e entreguei ao professor na aula de hoje.

A aula começou. E os estudantes repousaram em suas carteiras dispostas em círculo pela sala de aula “C1”. Um grupo de alunos reuniu-se na frente da sala, como combinado anteriormente, e resumiram o que foi passado na aula anterior e sintetizaram as felicitações, perguntas, críticas e propostas, produzidas semana passada. Um ponto interessante foi saber que eu não era a única que se sentia perdida nesse momento, os próprios estudantes em frente à classe transpassavam a sensação de tampouco. Finalizado a fala deste, o próprio professor confirmou minhas suspeitas falando que o primeiro grupo sempre é o mais prejudicado por não saber como e o que exatamente fazer. Achei pouco oportuno essa fala, ele poderia ter contribuído com as possibilidades de condução da aula, se está é a proposta. Acho que comecei a intender o ponto crítico desta disciplina.

A aula procedeu-se com a contínua fala do professor sobre o tema “Utopia e Conjuntura”. Admito que me tomou tempo a escrita do texto entregue, pois, para mim, muito do que respiramos é feito de sonhos e até a mínima das coisas que temos hoje um dia partiu da vontade de alguém. Assim, pareceu-me adequado escrever sobre a Constituição Federal. Não foi um dos meus melhores textos, uma vez que a redação crítica muito me assombra. O ponto é que me fez pensar que há quem diga que vivemos um período de estagnação intelectual, ou seja, o ócio dominou a mente humana, havendo reclamação em excesso e pouca ação. Será isso mesmo ou estou equivocada?

Isso não vem ao caso agora. Dando continuidade, o professor nos passou uma dinâmica, nos direcionando para fora da sala de aula. A ideia era aproximar os alunos. A princípio andamos aleatoriamente observando cada detalhe das pessoas ao nosso redor. Olhos, orelhas, bocas, narizes, bumbuns... Todos foram analiticamente observados e a cada momento uma risada ou outra surgia no ar úmido da manhã. A seguinte, montamos dois círculos circunscritos, continuando com o olhar olho a olho. Pessoas do círculo maior, olhando as do círculo menor. O professor batia palma, andávamos para direita e falávamos o que sabíamos sobre uma palavra nos ditas. Relembrando que a cada volta somente uma pessoa falava e a outra ouvia. E foi assim, uns momentos mais fáceis, outros constrangedores, alguns engraçados.

O fechamento da dinâmica foi com base em perguntas. Quais foram nossos sentimentos? O que pensávamos naquele momento? A aproximação humana faz muita falta para nós, e é nesses momentos que percebemos como somos travados. Impomos regras, sejam elas sociais ou psicológicas, e não nos permitimos nos expressar. Digo isso, pois não houve uma aceitação verdadeira dos estudantes para responder essas perguntas. Alguns por acharem besteira e não verem sentido ou conexão com a matéria. Mas acredito que tenhamos medo. A expressão de sentimentos tornou-se um meio de fraqueza inexplicável, não empírico. Será que isso está ligado ao ócio mental que acredito?

Por fim retomamos aos textos que escrevemos e em grupo sentamos para discutir. No meu grupo havia gente que escreveu sobre o Manifesto Comunista e outros sobre Romances épicos, como *Silmarillion*. O intuito era chegarmos a uma conclusão, o que era utopia e o que fazer com ela? Concluimos que são projetos a serem trabalhados, mas que só terão sucedidos se forem vistos como uma ideia concreta e não um sonho, para que assim achemos meios de ultrapassar as dificuldades, uma vez que foram assim que as grandes ideias surgiram e se perpetuaram ao longo das histórias.

### 3º AULA

No dia 18 de agosto de 2016, ocorreu a minha segunda aula nessa disciplina. E para a surpresa de todos o professor Sorrentino declarou ausência nesta aula, oferecendo-nos antes de sua partida textos do Rubem Alves para gerar discussões a respeito do tema “Percepção das árvores”. Porém antes de começarmos, sentados na frequente posição de círculo e o grupo da semana foi em frente à sala e resumiu a aula anterior, ponderando as felicitações, críticas, propostas e perguntas. Um ponto interessante era que os estudantes ainda não estavam situados com a dinâmica da aula, o que deu brecha para uma discussão sobre a doutrinação em sala. Somos burros com tapas para não nos assustarmos com o nosso redor? É o que parece, pois muitos se assustaram e se perderam com a nova didática. Admito que me sinto assim também, porém estou curiosa para saber o desfecho, quando nos acalmarmos.

Em seguida nos reunimos com o mesmo grupo da semana passada. Infelizmente, só uma pessoa do grupo veio nessa aula, não deixando a discussão propícia a grandes avanços. O texto que lemos diz respeito ao pertencimento popular quanto às árvores locais. O autor propunha que todas as pessoas gostam das árvores, mas nenhuma quer se responsabilizar ou conviver com estas, por exemplo, há quem tenha uma árvore defronte a sua casa e busque meios de a matar para sanar o problema da “sujeira” feita por suas folhas ou flores. Porém há quem proteja esta árvore, encantando-se com sua copa frondosa e cores fortes, mas que ao mesmo tempo não quer uma em seu quintal.

Pertencemos a quem? A natureza. Então por que a desrespeita? Porque há tempos me tornei Homem e a natureza o objeto. Não tem como unirmos? Ultrapassamos essa fase, sabemos de onde viemos e o vemos apenas como o rústico, o retrógrado. A natureza transtorna nossos sonhos, pois é uma declaração de inutilidade da humanidade, do ego e narcisismo humano. Mas ela é tão presente em nosso interior que sempre buscamos voltar para ela e encontrar a paz ofuscada por aquilo que acreditamos ser nosso dever viver.

Em síntese foi isso, a aula foi rápida e muito bem conduzida pelos estudantes. Demonstrando, mais uma vez que a presença do professor somente é um item a mais a aprendizagem, sendo esta possível a todos momentos e com qualquer pessoa.

#### 4º AULA

No dia 1 de setembro de 2016, houve a primeira aula com conteúdo palpável. Acredito que esse foi o dia em que os estudantes compreenderam a dinâmica da aula. A metodologia desta disciplina busca o aprendizado do externo para o interno, ou seja, abranger assuntos que os alunos querem para trazer em sala de aula. Só vejo um problema nisso, dificilmente seu público alvo trabalhará bem com uma metodologia dessas se não for apresentado a eles as possibilidades que eles tem e quais assuntos que estavam disponíveis para serem abordados em aula, pois percebi que muitos nem sabiam direito sobre o que era disciplina. Cada um entra com uma expectativa e, quando não é alcançada, acaba por frustrar as pessoas causando uma aversão ao fato.

Relevando esse ponto, digo que está aula foi bem dinâmica, trazendo-me uma sensação de lazer. O grupo dessa semana trouxe dois elementos importantes: um trailer do filme “Uma lição de vida” e trechos do livro “Casa das estrelas”, buscando clarear nossa cabeça quanto a alguns conceitos ainda mal definido por nós. Por exemplo, no livro havia muitas definições de termos abstratos como “amor” descritos por crianças e cada uma apresenta uma descrição diferente, apontando muitas vezes ações, como esclarecimento.

Fizemos, para complementar, uma dinâmica de aproximação da turma. Cada um escreveu em um papel “o que queria ser quando crescer” e outros liam e tentavam descobrir quem era a pessoa que escreveu. O gostoso dessa dinâmica foi saber que muitos sonhavam com coisas possíveis de serem realizadas, fazendo uma conexão com o debate anterior sobre utopia, tentando mostrar as causas que favoreceram ou desfavoreceram cada sonho infantil. E, em seguida, debatemos brevemente sobre o Manifesto do curso de Engenharia Florestal e a Encíclica do Papa, que contribuíram muito bem com meu grupo da intervenção – projeto final.

Finalizamos com uma pequena intervenção referente aos textos do Rubem Alves. Meu grupo quis ver a reação de cada um ao entrar numa sala coberta por pedaços de plantas e refletir sobre nossa própria percepção sobre a natureza e muitos outros trouxeram vídeos, poemas e músicas para compartilhar. Critico meu grupo neste ponto, pois apesar da ideia interessante, não soubemos incentivar a fala dos próprios alunos. Resta ouvirmos mais.

## 5º AULA

No dia 22 de setembro de 2016, fiquei muito feliz. Ocorreu uma aula muito produtiva, estimulada pelo grupo anterior, o grupo dessa semana trouxe a resenha do evento “Proposta de Alteração no licenciamento Ambiental e seus Potenciais Impactos: desregulamentação?” abrangendo o resultado final, que foi a produção da Carta de Piracicaba com propostas e diretrizes para evitar as modificações no licenciamento ambiental em vigência no Senado. Atentamo-nos principalmente nos 10 pontos que diziam ser contra e os 10 a favor.

Observei que muitos, durante a discussão, apresentaram queixas quanto aos termos e ao modo como foi conduzido o evento. Apesar de ser de suma importância esses pontos previstos na carta, o principal em um debate é a via de diálogo entre o interlocutor e o ouvinte, pois o que vejo que me falta são pontos técnicos legislativos que não estão inclusos em meus conhecimentos, e acredito que isso seja uma falha nesse tipo de comunicação. Ainda me questiono se este não é um dos motivos pelo qual a sociedade está cada vez mais distante da política. Não seria um receio ou segregação que surge pela própria manifestação da língua portuguesa?

Além disso, há as consequências dessa má comunicação. Como fazer uma mobilização contra as propostas de lei complementar em processo, se poucos entendem o que esta quer dizer? Há o que repensar, em como a política brasileira está caminhando cada vez mais em vias opostas da população, acreditando que não são representantes nossos e sim dos próprios interesses internos.

Na segunda parte da aula, o professor nos dividiu em grupos para discutirmos sobre as seguintes perguntas: i) O que é política pública?; ii) Quais são as instituições e as normas legais (legislativo, judiciário e executivo)? No setor florestal e na questão florestal; iii) Há alguma dimensão de subjetividade na política pública?

Essas perguntas, pelo menos para meu grupo, deu muito trabalho. Partimos de uma confusão e fomos parar em outra, mesmo que nesse período tivéssemos conversado com o professor para nos explicar melhor o que seria o item ii), dificilmente chegávamos a uma conclusão só. Porém, por fim descobrimos que a intenção era esta, cada órgão florestal atual numa dimensão e contribuem para que outros órgãos funcionem, considerando sua própria atuação na política.

## **6º AULA**

No dia 29 de setembro de 2016, teve a visita da advogada ambiental Kelly Colleti para nos explicar expositivamente cada detalhe dos três poderes: legislativo, executivo e judiciário, assim como a estrutura das leis e suas ordens de hierárquicas, sobre a Constituição Federal de 1988 e a Lei florestal. A aula apresentou um conteúdo denso e cansativo, porém muito importante para compreender determinados aspectos técnicos e a aplicação de cada lei. A presença da Kelly me remeteu, pela primeira vez, a sensação de que eu estava vendo a respeito da parte política e legislativa, proposto no nome da disciplina. Por isso acredito que a ordem desta disciplina, mesmo que não seja matéria e sim um guia de assuntos, deveria ser fornecida nos primeiros dias de aula, para que os estudantes se situassem melhor em seu papel.

A discussão que tivemos nesse dia foi muito além das questões estruturais das leis, abordou muito as contradições presentes nestas e como algumas delas dão brechas para serem utilizadas de maneira imoral e antiética. Isso nos mostra como é importante que tenhamos maior contato em como uma escrita pode influenciar ou interferir nos nossos atos. O mesmo questionamento referente ao repúdio popular a tudo relacionado à política volta ser pensado. Se nós da academia temos dificuldade para compreender determinados assuntos legislativos, quem dirá a pessoa que está muito mais a parte desse assunto. Quantas pessoas sabem que existem essas leis e como as tornar acessível ao cidadão comum? Promover os diálogos a uma linguagem comum talvez seja um começo.

A aula foi excelente, parabênzulo pela iniciativa do professor em trazer a Kelly para nos ajudar, porém ressaltado mais uma vez que a presença dela deveria ser mais no início da disciplina, nos fornecendo base sobre políticas públicas e legislação.

## **7º AULA**

No dia 06 de outubro de 2016, tivemos a aula mais diferente de todas. Mais uma vez sentados em nosso comum semi círculo ouvimos atentamente o grupo da semana resumir a aula passada e fazer as considerações necessárias.

Aponto que nas últimas aulas pouco aparecia nos questionamentos pergunta sobre como a disciplina seria, questão de faltas, críticas referente à metodologia. Arrisco um palpite que aqueles insatisfeitos devam ter desistido de perguntar ou somente aceitaram a nova metodologia.

O grupo conduziu a aula da seguinte maneira, foi montada uma câmara dos vereadores da cidade fictícia “Bosques de Sibipirunas”, a qual enfrentava problemas ambientais e regularização das propriedades rurais. Uns dias antes dessa aula nos foi passado partes da Constituição Federal para ler e fomos divididos em grupos representativos de algum setor social, por exemplo, havia os ruralistas, os sindicatos, os ambientalistas, etc. para promover uma discussão e formular um código florestal da cidade. Iniciado a plenária imaginária, cada grupo de representante se uniu para desenvolver propostas a serem incluídas na lei orgânica da cidade.

Finalizado esta parte, foi eleito um representante por setor para o debate final. Essa foi a parte mais interessante da aula, utilizando-se do conhecimento que muitas vezes acreditamos não existir propusemos artigos muito bem pensados e interessantes, que tentavam abranger e englobar o econômico, social e ambiental. Acredito que o mais difícil foi os representantes da bancada ruralista, pois muitos dos estudantes apoiam o discurso ambientalista e esquecem-se de olhar para o lado agrícola atual.

Por fim, acabamos construindo uma lei orgânica ambiental do município. Alguns itens que muito chamou a atenção dos alunos e que nos prendeu em um longo debate foi i) a criação de uma associação/cooperativa de pessoas que promovessem a restauração de matas ciliares; ii) a redução de impostos para aqueles que contribuam com o meio ambiente; e iii) taxas de cobrança de empresas que poluem diretamente o meio ambiente. Esses pontos, apesar de serem pertinentes, podem nos levar a injustiças e a brechas na lei, por exemplo, por que reduzir impostos de alguém que está preservando o meio ambiente se não oferecemos nada a pessoa que está utilizando bicicleta ao invés de carro na cidade? Ou, qual a porcentagem que procuramos receber dessas empresas e para onde direcionaremos esse dinheiro? Ou ainda, quem faria parte dessa associação e qual seria os benefícios de participar dela? E quem substituiria essas pessoas no campo? São pontos ainda falhos que ficaram para a discussão da próxima semana.

## 8º AULA

No dia 13 de outubro de 2016, foi vez do meu grupo de conduzir a aula. Depois de muito discutirmos sobre como iríamos trabalhar, decidimos por abranger o seguinte questionamento: O que era necessário para se implementar uma lei orgânica e quais eram as etapas seguintes a plenária?

A princípio é muito simples, porém exige da população persistência e uma grande repercussão/ aceitação do que se é proposto. Atualmente, há no Brasil quatro leis complementares que partiram da iniciativa popular, o que demonstra a possibilidade disso ocorrer e dar um futuro ao que estávamos criando na semana passada. Se a lei em vigência for para a câmara dos vereadores, esta passaria por duas votações além da revisão pelos assessores, para que enfim seja levada para a aprovação do executivo, que nesse caso pode ser o prefeito ou presidente, por exemplo.

A seguir, demos continuidade à dinâmica anterior, porém para tornar as o resultado desta dinâmica mais próxima de nossa realidade, trouxemos dois trailers referentes: ao código florestal - A Lei da Água - e a própria cidade de Piracicaba – Das águas do Piracicaba – para mostrarmos como nossa discussão torna-se pertinente e aplicável a locais próximos a nós.

A dinâmica, em síntese, ocorreu com mais intensidade e profundidade do que a semana anterior. Trouxe-me a sensação de que os estudantes passaram a ver o documento como um filho a ser educado, visando seus grandes feitos futuros. Desta vez, o que mais nos prendeu foram os detalhes, quem iria atuar, como iriam atuar, quais números instituir. Acredito que muito se sentiram como verdadeiros profissionais neste momento, evidenciando que nossa carga intelectual está absorvendo cada vez mais informações e só precisamos exercitar aquilo que sabemos, colocando-a em prática.

Um ponto que gostaria de ressaltar foi a discussão sobre Áreas de Preservação Permanente para a produção de produtos madeiros e/ou não madeiros. Era unânime a opinião da sala de que esta área não deveria ser de maneira alguma, usada para fins econômicos. No entanto, como promover a restauração por meios de incentivos fiscais? Pagamento pela proteção da Mata ciliar? Era uma solução, porém voltaríamos a mesma discussão da aula anterior. É justo o pagamento por serviços ambientais?

Visando uma aplicação mais prática de nosso esforço em sala de aula, o professor sugeriu que utilizássemos este texto para construir um referente à cidade de Piracicaba, prontificando-se meu grupo da intervenção para prosseguir com esta tarefa. Sinto-me politizada, como nunca me senti antes. Isso é bom? Resta-me pensar.

## **9º AULA**

No dia 27 de outubro de 2016, tivemos mais uma visita a nossa sala C1, onde mais uma vez posicionado como sempre discutimos sobre aspectos político e legislativo. Tivemos a presença da Zezé, ex-engenheira florestal do IPEF, e a Barbara, também engenheira florestal especializada na área de educação ambiental.

Devo dizer que a presença da Zezé muda tudo, uma pessoa com presença e boa dicção transforma o ambiente, deixando-o agitado e peculiarmente engraçado. Como a sala pouco se pronunciava, a Zezé começou com um questionamento pertinente. Deve usar a Reserva Legal para fins financeiros? Se sim, devemos plantar somente espécies nativas ou exóticas? E por quê?

Apesar de eu ser a favor do discurso ambientalista, penso igual a fala da Barbara, deve-se utilizar a RL para fins econômico sim, para que os pequenos produtores tenham uma forma de renda a mais. Para os grandes produtores, acredito eu que isso não faz grande diferença, pois se eu já tenho mil hectares de monocultura, onde tenho a tecnologia para me facilitar a implantação e a colheita, para que usarei minha RL consorciada com outras espécies que pouco sei trabalhar? Sei que talvez eu esteja errada, mas no momento é o que me faz sentido.

Quanto aos outros questionamentos, todos ficaram em dúvida. Para nos esclarecer, conversamos sobre os prós e contras de cada espécie (nativa e exótica). Chegando a conclusão que o mais importante das nativas é o potencial de atrair diversidades de espécies, o que quer dizem que um consórcio seria uma boa solução para este problema. Agora o ponto final seria como consorciar, tentando manter a finalidade financeira e a biodiversidade? E se for possível, qual é a demanda do mercado madeireiro e não madeireiro para que possamos fornecer a quantidade de produto certo para rodar os setores industriais? E isso equivaleria a quantos hectares? É possível de ser atingido?

## 10º AULA

No dia 3 de novembro de 2016, na sala C1, sentados em roda, iniciamos mais um dia de aula com um grupo fazendo a resenha da aula passada. Hoje foi dia de apresentações, porém antes de começarmos o grupo da semana apresentou um vídeo complementar, que a princípio era para estimular os alunos a mostrarem suas intervenções desenvolvidas durante o semestre.

O vídeo mostrava um projeto de manejo sustentável da Amazônia e seu progresso. O grupo intencionava utilizar esse exemplo para mostrar que projetos que de início mostram-se uma utopia, com o tempo pode se tornar realidade. Um comentário, no entanto, trouxe a tona uma discussão pertinente.

“Um problema deste projeto (mostrado no vídeo) é que nessas terras algumas pessoas vêm se declarando indígenas e impedindo a realização das pesquisas.” A questão indígena no Brasil é uma situação muito delicada, dizer que a auto declaração é um problema, sem um aprofundamento das questões envolvidas, pode ser interpretado de maneira erradas, sendo interpretada como um discurso maniqueísta. E não é isso que buscamos, o ponto é encontrar o equilíbrio/ a integração entre as demandas sociais e culturais.

Uma outra questão levantada foi o caso de Marina-MG, após um ano, pouco se foi feito para sanar o problemas. A empresa responsável somente montou um grupo para avaliar as consequências/ impactos sociais e ambientais. No entanto a população não precisa de questionários e sim um meio de retomar as atividades anteriores, a vida que levavam antes Samaco e sua imprudência permitir a destruição de suas terras. Se passou um ano sem soluções, quantos anos mais precisaremos esperar para ver mudanças?

Na segunda parte da aula houve as apresentações dos grupos:

### **Grupo 1**

- **Descrição:** A intervenção abrangeu a percepção da população Piracicaba que frequenta a ESALQ, para lazer, no fim de semana. A intenção era apresentar um vídeo da natureza e das modificações que o ser humano fez ao longo dos anos e conversar com as pessoas sobre o que elas sentiram e o que sabiam das políticas ambientais brasileiras.

Foi utilizado um vídeo para apresentar os resultados. As pessoas comentaram coisas muito esperada por nós (pessoas com discursos ambientalistas), como “a natureza traz paz e a cidade é estressante”; “o ser humano está destruindo o pouco que temos”, etc. Uma parte interessante foi a respeito das políticas públicas, poucos sabem quais são as leis que regem os biomas brasileiros, porém tem interesse de que isso seja levado até elas.

- **Próximos passos:** levar a proposta para outros ambientes.
- **Críticas/Propostas:** o vídeo apresentado para as pessoas é tendencioso, induzimos estas a sentirem o que queremos que elas sintam. Deve-se melhorar este ponto, evitando o maniqueísmo. Promover uma aula juntamente como o vídeo para que seja mais efetiva a intervenção. Trabalhar com crianças pode trazer maiores resultados.

## **Grupo 2**

- **Descrição:** A intervenção abrangeu a percepção da população Piracicaba sobre o Rio Piracicaba e Arborização urbana. Foi feito o levantamento de opiniões, teve a participação do grupo no evento “A cidade que queremos”, para ter maior aproximação com a população. E, por fim, foi montado uma proposta de lei florestal para o município de Piracicaba. Houve três resultados i) o vídeo com a fala a população; ii) a carta compromisso, em que a fala do grupo foi contemplada como uma proposta; iii) e o código florestal de Piracicaba.

- **Próximos passos:** ajustar o código, acrescentando, suprimindo ou modificando os itens, com a ajuda de professores e alunos; ajustes técnico com ajuda da Kelly que nos deu aula num outro dia; levar a proposta para a câmara dos vereadores de Piracicaba.

- **Críticas/Propostas:** aumentar o número de amostragem e tentar abranger a periferia; para ampliar a percepção da população.

## **11º AULA**

No dia 10 de novembro de 2016, tivemos nossa penúltima aula desta disciplina. O grupo responsável pelo dia de hoje preparou o resumo da aula passada, assim como as críticas, sugestões e perguntas dos estudantes. Trouxeram de antemão um poema, que aparentemente não teve muito significado, pelo menos para mim. E, portanto, o professor comentou que nesses casos, quando queremos chegar ao próximo com a mensagem de um texto de aspecto pessoal como o poema, devemos lê-lo interpretando suas estrofes.

Em seguida fizemos uma dinâmica, na qual andávamos espalhado pelo local e no mesmo ritmo que o instrumento que nos guiavam era tocado. No momento que a música parava a pessoa que o tocava nos dizia o que devíamos fazer. A intensão desta dinâmica era a personificação, a cada parada tínhamos que nos juntar em grupo a partir de uma única característica, ex. quem estava de shorts ou calça. Depois, as paradas eram para que fizéssemos uma fotografia. O interessante foi ver como as pessoas se colocavam nas fotos, principalmente na última, que era para sermos um engenheiro florestal.

Por fim voltamos para a apresentação dos grupos:

### **Grupo 3**

- **Descrição:** A intervenção abrangeu a percepção da população Piracicaba sobre o Rio Piracicaba. Foram levantadas opiniões na rua do porto e no lar dos velhinhos. O resultado foi um vídeo apresentando os resultados, o qual, infelizmente, teve problemas com áudios e não apresentava legenda.

- **Próximos passos:** Tentar juntar as opiniões levantadas com os outros grupos.
- **Críticas/Propostas:** Uma intervenção pouco objetiva, com levantamento de opinião em locais onde outras atividades poderiam ter sido desenvolvidas, ex. o lar dos velhinhos. Apresentar pelo menos no trabalho escrito próximos passos mais consistentes e que não dependam dos resultados de outros grupos.

### **Grupo 4**

- **Descrição:** A intervenção tinha a ideia de construir uma horta e/ou pomar comunitário, no entanto não foi possível de a desenvolver ao longo do semestre. Portanto fizeram um levantamento bibliográfico intenso sobre o assunto

- **Próximos passos:** Entrar em contato com uma ONG internacional chamada TETO para os auxiliar na aplicação do projeto.

**Críticas/Propostas:** Uma ideia muito legal, mas poderia ter se focado em um local mais próximo, como Piracicaba, para tentar ver sua viabilidade na cidade e fazer um estudo de impacto do projeto nas comunidades periféricas. Isso daria ao projeto mais estrutura e não seria algo tão teórico. Buscar uma outra ONG para os auxiliar, pois esta que comentaram não trabalha com esse assunto.

### **Grupo 5**

- **Descrição:** A intervenção consistiu em educação ambiental para os estudantes da cidade de Anhembi, utilizando-se das estruturas do da estação de Anhembi para promover o projeto. Em primeira instância o grupo fez o contato com uma escola local e desenvolveu um questionário com os alunos do 1ª ano do ensino médio, perguntando sobre seus conhecimentos sobre a função das florestas.

- **Próximos passos:** Criar um cronograma de visita na estação e realizar a visita no dia 22 de novembro de 2016.

**Críticas/Propostas:** Uma proposta excelente, muito bem organizada e desenvolvida pelo grupo. Durante a realização da visita, tenho certeza que ainda melhoraram muito aspectos educacionais do projeto, e perceberam o quanto podem se utilizar do conhecimento próprio dos estudantes.

### **Grupo 6**

- **Descrição:** A proposta consistiu em um levantamento bibliográfico das propriedades rurais de Piracicaba para construir um consórcio de espécies que pudessem ser aproveitadas economicamente nas reserva legal.

- **Próximos passos:** Buscar meios de implementar a proposta.

**Críticas/Propostas:** Poderiam trabalhar melhor os dados que obtiveram e fazer entrevistas com os proprietários rurais da região, levantando dados sobre as condições de vida dessa população e sobre o mercado madeireiro e não madeireiro da região para depois construir um modelo de consorcio de espécies.

### **Grupo 7**

- **Descrição:** O grupo realizou uma intervenção simples, porém de grande relevância para a Universidade. Fizeram o levantamento de relatos de estudante sobre comentários impositivos de professores sobre os aspectos ambientais e o quanto isso pode interferir no aprendizado dos estudantes.

- **Próximos passos:** Não apresentaram.

- **Críticas/Propostas:** Trazer a tona esses comentários através de cartazes e/ou outros meios de comunicação, buscando chamar atenção desses professores sobre o comportamento acadêmico indevido, sem expô-los.

## 12º AULA

No dia 17 de novembro de 2016, tivemos nossa última aula, onde assistimos a última apresentação e fizemos a auto avaliação e a avaliação da disciplina seguindo as seguintes perguntas:

1. Anexe uma cópia da sua tabela sobre as Instituições que atuam no setor florestal e comente com quais e como considera importante trabalhar para que seja possível uma política municipal de árvores e florestas.

2. Liste e comente cinco a dez principais pontos que devem ser levados em consideração para uma educação florestal.

3. Comente os pontos fortes e os pontos fracos da proposta de intervenção educadora florestal elaborada por seu grupo.

4. Quais foram os seus aprendizados sobre legislação que você pode atribuir ao fato de ter cursado a disciplina de Políticas Públicas, Legislação e Educação Florestal?

5. Escreva sobre a sua avaliação da disciplina e sobre a sua auto-avaliação e atribua uma nota a ela e a si próprio (a), ao final.